

# Capítulo 9

DO UM SEM O MÚLTIPLO

## Do Um sem o Múltiplo\*

Era depois do dilúvio. Um deus calculista e astuto ensinava a seu filho como recompor o mundo: “Eis o que farás, meu filho. Dispõe os fundamentos futuros da Terra imperfeita... Coloca uma boa malha como fundamento futuro da Terra... é o pequeno porco selvagem que vai provocar a multiplicação da Terra imperfeita... Quando ela tiver alcançado o tamanho que desejamos, eu te prevenirei, meu filho... Eu, Tupã, sou aquele que vela pela manutenção...” Tupã, senhor do granizo, da chuva e dos ventos, aborrecia-se, sentia-se sozinho para brincar, precisava de companhia. Mas não qualquer um, nem em qualquer lugar. Os deuses gostam de escolher seus parceiros. E Tupã queria que a nova Terra fosse uma Terra imperfeita, uma terra má, capaz entretanto de acolher os pequenos seres destinados a nela habitarem. É por isso que, previdente, ele sabia de antemão que teria de enfrentar Ñande Ru Ete, o senhor de uma bruma que, pesada e tenebrosa, se exala do cachimbo que ele fuma, tornando inabitável a Terra imperfeita. “Eu canto mais do que Ñande Ru Ete. Eu saberei o que fazer, eu voltarei. Farei com que a bruma seja leve à Terra imperfeita. Somente assim os pequenos seres que enviamos para lá se sentirão revigorados, felizes. Aqueles que enviamos para a Terra, nossos netos, esses pedaços de nós, serão felizes. Esses, devemos iludi-los.” Travesso: assim era o divino Tupã.

Quem fala assim em nome do deus? Que mortal destemido se iguala sem tremer a um dos poderosos do alto? Ele não é doido, entretanto, esse modesto habitante da Terra. É um desses pequenos seres a quem, desde o início dos tempos, Tupã confiou o cuidado de sua própria distração. É um índio guarani. Rico em conhecimento das coisas, ele reflete sobre o destino dos seus, que se denominam a si próprios, com altiva e amarga certeza, os Últimos Homens. Os deuses revelam algumas vezes seus desígnios. E ele, o *karai* hábil em ouvi-los e dedicado a dizer a verdade, revela-a aos companheiros.

Aquela noite, Tupã o inspirava; sua boca era por isso divina, ele próprio era o deus e narrava a gênese da Terra imperfeita, *ywy mba' emegua*, a estada

maliciosamente atribuída à felicidade dos Guarani. Ele falou longamente, e a luz das chamas clareava metamorfoses: ora o rosto calmo do indiferente Tupã e a amplitude concedida da linguagem grandiosa, ora a tensão inquieta de um retorno muito humano, e palavras estranhas. Ao discurso do deus sucedia a procura de seu sentido, o pensamento de um mortal se exercitava em traduzir-lhe a enganadora evidência. Os divinos não precisam refletir. E os Últimos Homens, no que lhes concerne, não se resignam: últimos sem dúvida, mas sabendo por quê. E eis que os lábios inspirados do *karai* dissiparam o enigma da desgraça, glosa inocente e constatação glacial, cujo brilho nenhum ressentimento vem alterar: “As coisas em sua totalidade são uma: e para nós que não desejamos isso, elas são más.”

Obscuridade e profundidade: elas certamente não faltam nesse fragmento. O pensamento que aí se enuncia solicita duplamente: por sua dureza, por sua origem. Pois é um pensamento de selvagem, autor anônimo, velho xamã guarani, no fundo de uma floresta do Paraguai. E sente-se perfeitamente que ele não nos é de todo estranho.

Trata-se da genealogia da desgraça. As coisas *são más*, indica o texto, os homens são os habitantes de uma Terra imperfeita, de uma Terra má. Sempre foi assim. Os Guarani estão acostumados à desgraça, não é nada novo para eles, nada surpreendente. Eles já tinham conhecimento dela bem antes da chegada dos ocidentais, que nada lhes ensinaram sobre esse assunto. Os Guarani nunca foram bons selvagens: perseguia-os sem trégua a convicção de não terem sido feitos para a desgraça e a certeza de atingirem algum dia *ywy mara-ey*, a Terra sem Mal. E seus sábios, sempre meditando sobre os meios de atingi-la, refletiam sobre o problema da origem. Por que habitamos uma Terra imperfeita? À grandeza da interrogação produz eco o heroísmo da resposta: se a existência é injusta, os homens não são culpados; e não precisamos nos desculpar por existirmos de modo imperfeito.

Mas onde se enraíza essa imperfeição que ataca os homens *e que nós não desejamos*? Ela provém do fato de que “*as coisas em sua totalidade são uma*”. Articulação inesperada, de natureza a fazer tremer até à vertigem a mais longínqua aurora do pensamento ocidental. É entretanto bem isso o que dizem, o que proclamaram sempre – e até às mais rigorosas, às mais loucas conseqüências – os pensadores guarani: a desgraça se engendra na imperfeição

do mundo, porque de todas as coisas que compõem o mundo imperfeito, pode-se dizer que são uma. Ser um: é a propriedade das coisas do mundo. Um: é o nome do Imperfeito. Em suma, resumindo a virulenta concisão de seu discurso, que diz o pensamento guarani? Ele diz que o Um é o Mal.

Desgraça da existência humana, imperfeição do mundo, unidade ao mesmo tempo que fenda inscrita no âmago das coisas que compõem o mundo: eis o que recusam os índios Guarani, e eis o que os levou em todos os tempos a procurar um outro espaço, para lá conhecer a felicidade de uma existência curada de sua ferida essencial, de uma existência desdobrada sobre um horizonte liberto do Um. Mas qual é ele, esse não-Um tão obstinadamente desejado pelos Guarani? A perfeição do mundo é lida no múltiplo, de acordo com uma divisão familiar à metafísica ocidental? E os Guarani, ao inverso dos antigos gregos, afirmam o Bem lá onde, espontaneamente, nós o desqualificamos? Mas se se encontra entre os primeiros *insurreição ativa* contra o império do Um, entre os segundos, ao contrário, *nostalgia contemplativa* do Um, não é todavia o Múltiplo que é afirmado pelos índios Guarani, pois eles não descobrem o Bem, o Perfeito, na dissolução mecânica do Um.

Por que as coisas a que se atribui o caráter de unidade caem por isso mesmo no campo mau da imperfeição? Uma interpretação, aparentemente motivada pela letra do fragmento, deve ser entretanto afastada: a do Um como Todo. O sábio guarani declara que “as coisas em sua totalidade são uma”; mas ele não menciona o Todo, categoria talvez ausente desse pensamento. Ele explica que cada “coisa”, tomada uma a uma, que compõe o mundo – o céu e a terra, a água e o fogo, os vegetais e os animais, os homens enfim – é marcada, gravada pelo selo maléfico do Um. O que é uma coisa una? Em que se reconhece a marca do Um sobre as coisas?

Uma é toda coisa corruptível. O modo de existência do Um é o transitório, o passageiro, o efêmero. Aquilo que nasce, cresce e se desenvolve somente para perecer, isso será o dito Um. O que significa isso? Chega-se aqui, indiretamente, através de um estranho acionamento do princípio de identidade, ao fundamento do universo religioso guarani. Atirado para o lado do corruptível, o Um torna-se signo do Finito. A terra dos homens só encerra em si imperfeição, podridão, feiúra: terra feia, o outro nome da terra má. *Ywy mba'e megua* é o reino da morte. De toda coisa em movimento sobre uma

trajetória, de toda coisa mortal, dir-se-á – o pensamento guarani diz – que ela é uma. O Um: ancoragem da morte. A morte: destino daquilo que é um. Por que são mortais as coisas que compõem o mundo imperfeito? Porque são finitas, porque são *incompletas*. Aquilo que é corruptível morre de inacabamento, o Um qualifica o incompleto.

Talvez enxerguemos mais claramente agora. A terra imperfeita, onde “as coisas em sua totalidade são uma”, é o reino do incompleto e o espaço do finito, é o campo de aplicação rigorosa do princípio de identidade. Pois dizer que  $A = A$ , que isto é isto, e que um homem é um homem, é declarar ao mesmo tempo que  $A$  não é não- $A$ , que isto não é aquilo, e que os homens não são deuses. Nomear a unidade nas coisas, nomear as coisas segundo sua unidade, é também lhes assinalar o limite, o finito, o incompleto. É descobrir tragicamente que esse poder de designar o mundo e de determinar seus seres – isto é isto, e não outra coisa, os Guarani são homens, e não outra coisa – não é senão a irrisão da verdadeira potência, da potência secreta que pode silenciosamente enunciar que isto é isto, *e ao mesmo tempo* aquilo, que os Guarani são homens, *e ao mesmo tempo* deuses. Descoberta trágica, pois *nós não desejamos* isso, nós que sabemos enganadora a nossa linguagem, nós que nunca poupamos esforços para alcançar a pátria da verdadeira linguagem, a morada incorruptível dos deuses, a Terra sem Mal, onde nada do que existe pode ser dito Um.

Na região do não-Um, onde a infelicidade é abolida, o milho cresce sozinho, a flecha traz a caça àqueles que não têm mais necessidade de caçar, o fluxo regrado dos casamentos é desconhecido, os homens, eternamente jovens, vivem eternamente. Um habitante da Terra sem Mal não pode ser qualificado univocamente: ele é um homem, sem dúvida, mas também o outro do homem, um deus. O Mal é o Um. O Bem não é o múltiplo, mas o *dois*, ao mesmo tempo o um e seu outro, o *dois* que designa verdadeiramente os seres completos. *Ywy mara-ey*, destinação dos Últimos Homens, não abriga mais homens, não abriga mais deuses: somente iguais, deuses-homens, homens-deuses, tais que nenhum dentre eles se diz segundo o Um.

Povo entre todos religioso, através dos séculos presos à sua recusa altaneira de sujeição à terra imperfeita, povo de loucos orgulhosos que se estimava o suficiente para desejar colocar-se na fileira dos divinos, os índios Guarani vagabundeavam ainda, outrora, à procura de sua verdadeira terra natal, que eles

supunham, que sabiam situada lá longe, do lado do sol nascente, “o lado de nossa face”. E muitas vezes, chegados lá, nas praias, nas fronteiras da terra má, quase à vista da meta, o mesmo artil dos deuses, a mesma dor, o mesmo fracasso: obstáculo à eternidade, *o mar indo com o sol*.

Eles não são mais do que alguns poucos, e se perguntam se não estão prestes a viver a morte dos deuses, a viver sua própria morte. *Nós somos os Últimos Homens*. E, entretanto, eles não abdicam, eles depressa superam seu abatimento, os *karai*, os profetas. De onde lhes vem a força de não renunciar? Seriam cegos, insensatos? É que o peso do fracasso, o silêncio no céu azul, a repetição da desgraça nunca chegam ao conhecimento deles. Não consentem os deuses em falar, algumas vezes? Não há sempre, em algum lugar na profundidade da floresta, um Eleito à escuta de seu discurso? Tupã, naquela noite, renovava a promessa antiga, pela boca de um índio em quem habitava o espírito do deus. “Aqueles que enviamos sobre a terra imperfeita, meu filho, faremos com que eles prosperem. Eles encontrarão suas futuras esposas, eles as desposarão e delas terão filhos: *a fim de que possam atingir as palavras que de nós surgem*. Se eles não as atingirem, não haverá nada de bom para eles. Tudo isso, nós o sabemos perfeitamente.”

Eis por que, indiferentes a todo o resto – o conjunto das coisas que são uma –, preocupados somente em afastar uma desgraça que não desejaram, eis por que os índios Guarani se rejubilam sem alegria ao ouvir ainda uma vez a voz do deus: “Eu, Tupã, eu vos dou estes conselhos. Se um desses saberes permanecer em vossas orelhas, em vosso ouvido, conhecereis meus vestígios... Assim somente vós atingireis a meta que vos foi indicada... Eu me vou para longe, eu me vou para longe, não me vereis mais. Em conseqüência, meus nomes, não os percais.”

---

\* Publicado inicialmente em *L'Ephémère*, n. 19-20, 1972.